



Projeto Gibi Ação **Histórias em quadrinhos aplicadas à educação infantil**¹

Alan Marcel CASTAMAN²
Douglas Maciel CARBONI³
Lucinei Angelino KOZERSKI⁴
Leoní SERPA⁵

UNOESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
Campus de São Miguel do Oeste

Resumo

As histórias em quadrinhos, conhecidas também por arte seqüencial, desde que bem aplicadas na pedagogia infantil, podem ser excelentes propulsores de conhecimento, entendimento, reflexão e atitudes. A arte seqüencial pode tomar formas diversas, como a de um gibi, de um cartum, de uma tirinha e até a de desenhos animados. Envolvem traços, cores, vocabulário e sentidos direcionados para o interesse infantil. Isso não quer dizer que jovens e adultos não podem despertar vontade em conhecer o conteúdo abordado dentro de algum destes suportes comunicacionais.

Palavras-chave: Comunicação comunitária; educação infantil; arte seqüencial; histórias em quadrinhos; gibi.

1 Introdução

O projeto buscou elaborar um gibi em uma instituição que abriga crianças com problemas familiares ou desamparadas pela sociedade – Casa Lar de São Miguel do Oeste, SC. Este suporte comunicacional foi desenvolvido pelos acadêmicos do 4º período do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, hoje, estudantes do 5º período, Alan Marcel Castaman, Douglas Maciel Carboni e Lucinei Angelino Kozerski, juntamente com as crianças da entidade. Com tema, roteiro e personagens elaborados em conjunto, o gibi possui 12 páginas com capa e contracapa inclusas, impresso em gráfica e totalmente colorido. Foi distribuído como encarte adicional em um jornal da cidade. O veículo de comunicação que encartou o Gibi Ação em seus exemplares possui, há mais de 10 anos, um projeto que utiliza o jornal em sala aula como auxílio no aprendizado.

¹ Trabalho apresentado ao Expocom 2009, na categoria Áreas Emergentes e Produção Transdisciplinar em Comunicação – Quadrinhos, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Aluno líder do grupo de estudantes do 4º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.

³ Estudante do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.

⁴ Estudante do 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste.



2 Objetivos

2.1 Objetivo geral

Repassar uma breve introdução sobre a colonização e fundação do município de São Miguel do Oeste, SC às crianças da Casa Lar e também a todos que tiverem oportunidade de ler o gibi.

2.2 Objetivo específico

Primeiramente foi saber qual a reação dessas crianças ao perceberem que estavam colaborando para a produção de um gibi que seria distribuído como encarte em um jornal local para 2,7 mil pessoas. Por fim, despertar nelas o interesse pela leitura e fazer com que se sentissem incluídos midiaticamente na sociedade migueloestina.

3 Justificativa

As crianças da Casa Lar de São Miguel do Oeste, SC não têm possibilidades de acompanhar todos os programas educativos que permeiam a televisão. As emissoras de rádio do município não oferecem programas de educação direcionados às crianças. A única forma de levar conhecimento até elas, tendo como suporte um meio de comunicação, é pelo modo impresso. O grupo escolheu trabalhar com histórias em quadrinhos em forma de gibi e substituir o veículo de comunicação impressa tradicional (jornal) por algo alternativo e significativo dentro da disciplina curricular de Comunicação Comunitária I.

3.1 O estudo da comunicação comunitária

Para compreender esse estudo, devemos saber o que significa fazer uma comunicação comunitária. A palavra “comunicação” provém do latim “comunis”. Gilberto Giménez, citando Schramm afirma que

“(…) quando nos comunicamos estamos tentando estabelecer uma “comunidade” com alguém. Ou seja, tratamos de compartilhar uma informação, uma idéia, uma atitude. A essência da comunicação consiste na sintonização entre o que recebe e o que envia uma determinada mensagem”.

Para Lasswell, uma das formas de definir um ato comunicacional consiste em responder: *quem diz o que, por meio de que canal (suporte), a quem, com que efeito?* O Ato comunicacional pode ser entendido também no conceito definido em cinco partes por Beltrán: *a fonte da informação, o transmissor, o canal, o receptor e o destinatário.*



Ao partir do pressuposto que comunidade seja um grupo de pessoas dentro de uma sociedade com os mesmos interesses, pode-se definir subjetivamente que uma comunidade deva ter participação ativa e não passiva na sociedade que está inserida. Assim, para que seja praticada a comunicação comunitária, o veículo de comunicação deve ser desenvolvido na comunidade, com a comunidade, para a comunidade e com características da própria comunidade. Isso é Comunicação Comunitária.

“(…) Nada conseguiremos compreender da era moderna se não nos apercebermos da maneira como a revolução da comunicação criou um novo mundo. C.H. Cooley (citado por Mara José Baldessar e Rogério Christofolletti [Orgs.], *Jornalismo em perspectiva*, 2005, UFSC).

A comunicação deu saltos de tecnologia e velocidade em termos de tempo e espaço. O mundo “reduziu” o seu tamanho devido a isso. A cada dia a busca por informações cresce, seja por notícias ou não. A tecnologia atual exerce um poder sobre nossa vivência e se reflete em vários segmentos da sociedade. Ao trazermos esta nova visão de comunicação para a prática do jornalismo, é preciso que o façamos de forma responsável. É essencial que haja um re-treinamento do olhar e do sentido para que se tornem plurais e diversos, e também que se destrua a identidade negativa de mundo existente em nossos pensamentos.

3.2 Jornalismo popular

Os estudos de comunicação comunitária dentro do curso Comunicação Social têm ligação com o Jornalismo Popular das forças trabalhistas. Mas o que é jornalismo? Essa pergunta deve ser respondida antes de elaborar um conceito sobre jornalismo popular. Alberto Dines (*O papel do jornalismo*, 1986, p.25) afirma que

“(…) o jornalismo é a busca de circunstâncias. Um livro sobre jornalismo, portanto, seria a circunstância da circunstância, o momento do movimento. Técnica que se destina antes de tudo, ao estudo e tratamento dos fatos, e à dinâmica porque lida com material mutante”.

José Marques de Melo (*A opinião do jornalismo brasileiro*, 1985, p.7) complementa:

“(…) Circunstância não é o oposto de substância, do contrário, completam-se. A substância ou essência é o que há de permanente nessas coisas que mudam, sua natureza. Esta substância fica evidente, visível e detectável por intermédio de circunstâncias que o qualificam. O jornalismo é a técnica de investigar, arrumar, referenciar e distinguir circunstâncias. (...)”.



Quando voltamos ao jornalismo popular das classes trabalhadoras nas décadas de 60 e 70, percebemos que ali existiam movimentos de culturas populares. O Movimento da Cultura Popular (MCP) foi criado em maio de 1960 em Recife como sociedade civil autônoma. Moacir de Góes (De pé no chão também se aprende a ler, 1961-1964), cita uma idéia de Paulo Freire: “*o objetivo principal é conscientizar as massas através da alfabetização e educação de base e incorporar à sociedade os proletários e os marginais de recife. (...)*” Ao trazer essa perspectiva de Freire para o projeto Gibi Ação, percebe-se uma semelhança. Tal semelhança é a de incorporar à sociedade de São Miguel do Oeste, as crianças da entidade Casa Lar.

Paulo Freire tinha pensamento pedagógico. Desejava que as pessoas que sabiam mais, que sabiam antes, repassassem suas informações a quem não as tinha e da forma mais próxima possível da realidade que viviam. Queria que houvesse um espaço para o diálogo, para o debate e para a formação de opiniões. Era contra o individualismo das idéias e salientava a importância desse processo de comunicação para as comunidades e sociedades.

Cicília M. Krohling Peruzzo, em seu artigo sobre Comunicação comunitária e educação para a Cidadania (PCLA – Volume 4 – número 1: outubro/novembro/dezembro 2002 – Março 2009), destaca as inter-relações entre comunicação e educação. Observa que geralmente são tratadas no âmbito da educação formal. Esse estudo, na definição de Cicília, leva o nome de edu-comunicação. A edu-comunicação se refere aos estudos sobre comunicação e educação com enfoque no ensino-aprendizado e na utilização dos meios de comunicação como alternativa educacional. Segundo ela, esses estudos podem ser percebidos em organizações não-governamentais e em movimentos populares.

3.3 A educação aos olhos da psicologia

O processo de educação, indiferentemente de outros como o trabalho, o lazer e o descanso, está relacionado com a psicologia. Esta ligação psicológica à educação é denominada de Psicologia da Educação. A psicologia estuda comportamentos, a educação oferece conhecimento. Juan José Mouriño Mosquera (Psicodinâmica do aprender, 1984), cita Willian James (1899): “*(...) Deve-se pôr o aluno num estado constante de interesse, de tal modo que aquilo que lhe é ensinado se transforme em algo de vital importância para a sua vida (...)*”.



Com o conhecimento obtido nos estudos da Psicologia da Educação, o professor Mosquera pede para criar condições flexíveis que afetem, inclusive, os métodos tradicionais de trabalho que não sejam satisfatórios.

Willian Morse e Max Wingo (1972), em uma análise sobre a perspectiva de ensinar, explicam porque alguns professores têm a predileção de ensinar.

Existem realmente pessoas que se fascinam em ensinar algo a alguém, tendo uma enorme satisfação quando aprendem. Isto supõe uma atitude de desenvolvimento do ego em referência aos indivíduos que rodeiam o ser humano e que se consubstancia no crescimento evolutivo das sociedades e culturas. Parece-nos que esta é uma das razões mais válidas para o ato de ensinar.

Outra característica apontada pelos autores é a de que alguém está interessado em ensinar porque pode transformar sua realidade e colaborar para que a sociedade melhore. Isso é uma característica idealista, destacam os autores.

No que se refere à perspectiva do aluno, a escola lhes representa uma das obrigações que a sociedade os impõe para ingressar no mundo dos adultos. Pode também ser vista como uma punição ou continuidade das atividades familiares. *“A aula pode representar, portanto, lugar onde se sacrifica o interesse por meio de solicitações que nada dizem e muito menos podem fazer para crescer o indivíduo”*. Fica claro que não se deve ensinar brincando (no sentido literal da palavra). Mas o ensino também não deve representar para o aluno, o sacrifício, o exagero. Deve haver um equilíbrio para que exista uma eficácia no aprendizado, que na visão de Freire, se dá na participação do indivíduo no processo educacional.

3.4 Meios de comunicação como complementos de estudos

Não é de hoje que se percebe o interesse e o uso de jornais no auxílio à educação infantil. No que diz respeito ao uso do jornal nas escolas, Sílvia Costa (Jornal na educação: considerações pedagógicas e operacionais, Santos: S.C.P., 1997) observa:

“O fundamental é que se cultive a leitura crítica do mundo, que se faz na varredura da página após página, açambarcando os mais variados aspectos da realidade. Esta prática pode ser feita desde as séries iniciais, até mesmo com crianças e adultos não-alfabetizados. (...)”

Quanto às histórias em quadrinhos, é fato que as escolas públicas enfrentam dificuldades para adquirir gibis, por exemplo. Grande parte dos alunos não possui condições financeiras de comprar nas bancas. A utilização adequada de histórias em quadrinhos nas escolas pode ter resultados expressivos na formação de novos leitores e



na otimização da educação. O gibi na educação pode servir de ferramenta a novos paradigmas. *“Paradigma é a maneira como percebemos o mundo. O paradigma nos explica o mundo ajudando-nos a predizer os comportamentos (Adam Smith)”*.

Com o passar do tempo surgem novos padrões no modo de compreender e atuar sobre a realidade. O velho paradigma da educação, na análise do psicólogo Carl Rogers, tinha como característica principal, os professores como possuidores do conhecimento. No novo paradigma, o centro é o aluno e não o conteúdo curricular a ser repassado. A autora cita o jornal como facilitador do novo paradigma. *“Com a utilização do jornal, o foco se desloca do conteúdo curricular abstrato para a realidade palpável nos seus múltiplos aspectos sociais, políticos, econômicos, ambientais etc.”*. O gibi, como um meio de comunicação alternativo, possui algumas dessas características de quebra de paradigmas tradicionais.

É importante observarmos que nesse processo, os conteúdos curriculares não são descartados pelos educadores. Pelo contrário, servem de base para ajudar a compreender a realidade. Um exemplo que podemos observar é o meio ambiente. Conforme ela, ao ler uma história em quadrinhos que tem como tema a poluição, o aluno recorre aos ensinamentos teóricos sobre ciências, física e química para compreender e refletir sobre o que leu. Na educação de adultos, algumas cartilhas (que possuem semelhanças com o gibi) podem causar constrangimento ao aprendiz. Silvia Costa define: *“a cartilha e o jornal, usados paralelamente, se tornam mecanismos complementares, dissipando o impacto constrangedor que o uso soberano da cartilha impõe”*. A charge ou o cartum de um jornal podem ser transformados em uma arte seqüencial. A partir do momento em que o professor solicita aos alunos que acrescentem elementos (como balões e desenhos) que darão uma continuidade de novos quadros e roteiro, está caracterizada uma história em quadrinhos.

3.5 Quadrinhos: história, definição e características

Ao rebuscarmos um pouco da “trajetória” das histórias em quadrinhos, percebemos que eles já “existiam” antes de Cristo nascer, na forma dos hieróglifos egípcios. Não possuíam uma seqüência de leitura conhecida atualmente, pois ainda não existia a escrita naquela época. A maneira de ler dos egípcios era de baixo para cima em ziguezague.

Como dito anteriormente, histórias em quadrinhos também são conhecidas por arte seqüencial. Essa definição parte do conceito obtido pelo cartunista norte-americano

Will Eisner: *“tomadas individualmente, as figuras são apenas figuras. Quando são partes de uma seqüencia, a arte da imagem é transformada em arte das histórias em quadrinhos”*. O cartunista e pesquisador, Scott McCloud (Desvendando os quadrinhos, 2004) parte da idéia de Eisner e complementa dizendo que quadrinhos são uma Arte Seqüencial Visual Justaposta e que o espaço em branco entre um e outro é como se fosse o tempo em um filme.

Quando voltamos ao princípio de sua criação, McCloud faz uma ressalva:

“Há um evento que é tão marcante na história dos quadrinhos quanto na história da palavra escrita. É a invenção da imprensa. (...) Com a invenção da imprensa, a forma de arte que servia aos ricos e poderosos, agora poderia ser desfrutada por todos”.

Observa ainda que nessa trajetória as histórias em quadrinhos tiveram conotações negativas e que muitos profissionais preferiam ser conhecidos como ilustradores, artistas comerciais ou até mesmo como simples cartunistas. McCloud destaca que hoje a situação mudou. *“As figuras em seqüencia finalmente estão sendo reconhecidas como uma excelente ferramenta de comunicação, mas ninguém se refere à elas como quadrinhos”*. Há uma grande relação entre quadrinhos e cartuns, mas não são a mesma coisa. O autor define o cartum como uma realidade simplificada que envolve velhos e crianças. *“Nós humanos, somos uma espécie centrada em nós mesmos. Nos vemos a nós mesmos em tudo. Atribuímos identidade e emoção onde não existe nada. Transformamos o mundo à nossa imagem”*. McCloud observa que quando olhamos para um desenho realista de um rosto, vemos isso como rosto. Contudo, quando se entra no mundo do cartum, a gente vê a si mesmo. *“Nós não olhamos um cartum. Nós passamos a ser eles”*. Portanto, a diferença encontrada entre cartum e o desenho realista está no que o leitor sente ao vê-lo. O desenho realista representa, portanto, um conceito de mundo externo. O cartum por sua vez, envolve o leitor e o faz pulsar com vida. Faz com que ele perceba estar fazendo parte de um mundo interno.

Para McCloud, desenhos e roteiros são vistos como disciplinas separadas, mas para se haver boas histórias deve existir uma combinação entre eles.

“Quando as imagens são mais abstraídas da realidade, requerem maiores níveis de percepção como as palavras. Quando as palavras são mais diretas, requerem níveis inferiores de percepção e são recebidas com mais rapidez como imagem”.

O autor percebe em suas análises, que para os quadrinhos amadurecerem como meios de comunicação devem expressar as necessidades e idéias de cada artista. Cada

artista possui diferentes necessidades interiores, diferentes pontos de vista e precisam encontrar diferentes formas de se expressar.

Os quadrinhos estão ligados à iconografia visual. Conforme o cartunista a iconografia visual pode nos ajudar a perceber uma forma de Comunicação Universal. *“Esse fenômeno de observar as partes, perceber o todo, tem um nome. Ele é chamado de conclusão”*. Diz que o quadrinho está intimamente ligado a conclusão e faz uma referência:

“Existe um meio de comunicação que usa a conclusão como nenhum outro. Um meio onde o público é um colaborador consciente e voluntário, e a conclusão é o agente de mudança, tempo e movimento. Quadrinho é conclusão. (...) O quadrinho é um meio monossensorial que depende de um só sentido para transmitir um mundo de experiências. O mundo da imaginação”.

As histórias em quadrinhos demonstram e passam a sensação de movimento em uma forma de comunicação estática. A idéia de que uma figura pode provocar uma resposta emocional no espectador é percebida nos quadrinhos. Cita por exemplo, que as curvas e linhas abertas do Tio Patinhas, de Carl Barks, passam uma sensação de juventude. Enquanto que, em Dick Tracy, por exemplo, Chester Gould usava linhas arrojadas, ângulos retos e áreas negras para sugerir um mundo de adultos implacáveis e mortais.

Scott McCloud traz os quadrinhos para uma realidade muito perceptível nas crianças, a de mostrar e dizer ao mesmo tempo. Diz que as palavras e as imagens são combinadas para transmitir uma série de idéias, e nos quadrinhos, isso é possível. É possível até, representar o movimento e o invisível em um meio de comunicação estático. Linhas e traços retos por exemplo, dão ao leitor a sensação de movimento e do invisível.

“A história em quadrinhos é uma das inúmeras formas de autoexpressão disponíveis para nós. A criação de qualquer trabalho em qualquer meio sempre vai seguir um certo caminho: idéia/objetivo-forma-idioma-estrutura-habilidade-superfície. Narrar uma história da forma mais eficaz possível requer uma certa dose de invenção (...)”.

Outra peculiaridade dos gibis e das demais artes sequências é o uso das cores. O quadrinho em cores atingiu a indústria jornalística como uma bomba. A cor quando repetida de quadro a quadro como, por exemplo, no uniforme de um super-herói, passa a simbolizar o personagem na mente do leitor. As cores planas possuem uma tendência de enfatizar as formas dos objetos animados e inanimados. Podem expressar



sentimentos e sensações. Nos quadrinhos em preto e branco as idéias são comunicadas de maneira direta. Há sensações que somente a cor pode transmitir, mas há sensações que só a ausência de cor pode representar. McCloud enfatiza que

“Nós vivemos num mundo em cores, não em preto e branco. Os quadrinhos coloridos sempre vão parecer mais ‘reais’. Como os leitores de histórias em quadrinhos buscam mais do que ‘realidade’, a cor nunca vai substituir inteiramente o preto e branco. Uma coisa é certa: quando bem usadas, a cor pode resultar em mais do que a soma de duas partes”.

Ao analisarmos essas características presentes nas histórias em quadrinhos, que vêm desde a “pré-criação” dos egípcios nas paredes, nos deparamos com uma incógnita. Podemos depois de tudo isso, nos perguntar por que este meio de comunicação que denominamos quadrinhos é tão importante? Por que tanto esforço para compreendê-lo? McCloud nos dá seu conceito sobre tal.

“A resposta está dentro da própria condição humana. Todos vivemos num estado de isolamento profundo. Nenhum ser humano jamais pode saber o que é ser você por dentro. E, por mais que você recorra a outros, é impossível eles sentirem o exatamente o que você sente. Todas as mídias são uma reprodução de nossa incapacidade de comunicação mente a mente. Triste, é lógico, porque quase todos os problemas da humanidade surgem dessa incapacidade. Cada meio de comunicação serve apenas como uma ponte entre as mentes. A mídia transforma pensamentos em formas que podem atravessar o mundo físico, reconvertendo-os por um ou mais sentidos de novos pensamentos. Nos quadrinhos, a conversão segue da mente para a mão, para o papel, para o olho, para a mente. Na teoria, a ‘mensagem’ do artista deve passar por esse processo sem ser afetada. Mas, na prática, não é o que acontece”.

Conforme o autor, hoje, as histórias em quadrinhos são uma das poucas formas de comunicação de massa na qual as vozes individuais ainda têm alguma chance de serem ouvidas.

“O muro da ignorância que impede tantos de se verem com clareza só pode ser atravessado pela comunicação. E a comunicação só funciona quando compreendemos as formas que ela pode assumir. Histórias em quadrinhos é um grande ato de equilíbrio. Combina tempo e espaço. Os quadrinhos oferecem uma chance de ser ouvido em toda parte sem medo de compromisso”.

Partindo dessa definição, fica claro a importância do Gibi Ação para as crianças da Casa Lar de São Miguel do Oeste. O projeto fez com que, além de despertar o interesse pela comunicação em forma de arte seqüencial, fez com que elas se sentissem incluídas midiaticamente dentro de uma sociedade que não os dá oportunidades para serem vistos.



4 Métodos e técnicas utilizados

De uma maneira direta, o primeiro passo foi definir com as crianças da Casa Lar qual o tema de abrangência. Em seguida, foram criados por eles apenas três personagens para facilitar o desenvolvimento do roteiro, bem como para se adequar ao espaço de 12 páginas. Depois disso definido, o projeto seguiu com a recriação dos quadros. Eles foram elaborados pelos estudantes de Artes da Unoesc, Caciane Lipert e Neuri Reolon. O contexto da história foi definido pelos alunos de jornalismo que solicitaram às crianças da Casa Lar, dúvidas e sugestões sobre a história de São Miguel do Oeste. A partir daí, a produção do gibi seguiu com os acadêmicos. Ficaram encarregados do processo de digitalização dos quadrinhos e do desenvolvimento coerente do roteiro.

5 Descrição do produto ou processo

O produto trata-se de um gibi de 12 páginas com capa e contracapa inclusas. Foi impresso em gráfica e totalmente colorido. O custo R\$ 980,00 foi pago com o apoio cultural da iniciativa privada do município. A distribuição de 300 exemplares ficou por conta dos acadêmicos que entregaram 250 na entidade Casa Lar e 50 aos colegas e professores do curso de Jornalismo. Os 2,7 mil exemplares restantes foram repassados a um jornal local. Aproximadamente 1500 foram entregues como encarte adicional aos alunos da rede municipal de ensino, participantes do Projeto Jornal na Escola. Assim, os outro 1200 foram entregues como encarte adicional aos assinantes.

6 Considerações

O desenvolvimento do projeto Gibi Ação levou para as crianças da Casa Lar de São Miguel do Oeste, uma forma alternativa de educação. A nós acadêmicos, a pesquisa mostrou que educar por meio de histórias em quadrinhos, sobrepõe paradigmas antigos da forma de educar. Mostrou que é possível seguir a idéia de Paulo Freire quando diz que as pessoas que sabem mais devem ensinar quem não sabe. Em relação às crianças, os quadrinhos despertam maior interesse e facilitam o aprendizado. Um bom roteiro, aliado aos elementos gráficos e à cor utilizada nos gibis, incentiva o hábito e o gosto pela leitura. O resultado revelou que a participação das crianças na produção do material deu a elas oportunidades jamais tidas antes. É uma forma de inclusão midiática dessa comunidade de crianças carentes e desamparadas. Por fim concordaram em colaborar na produção de uma nova edição.



Referências Bibliográficas

BALDESSAR, Maria José; CHRISTOFOLETTI, Rogério (Orgs.). *Jornalismo em perspectiva*. Florianópolis: UFSC, 2005;

COSTA, Sílvia. *Jornal na educação: Considerações pedagógicas e operacionais*. Santos: S.C.P., 1997;

GÓES, Moacyr de. *De pé no chão também se aprende a ler: uma escola democrática*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1991;

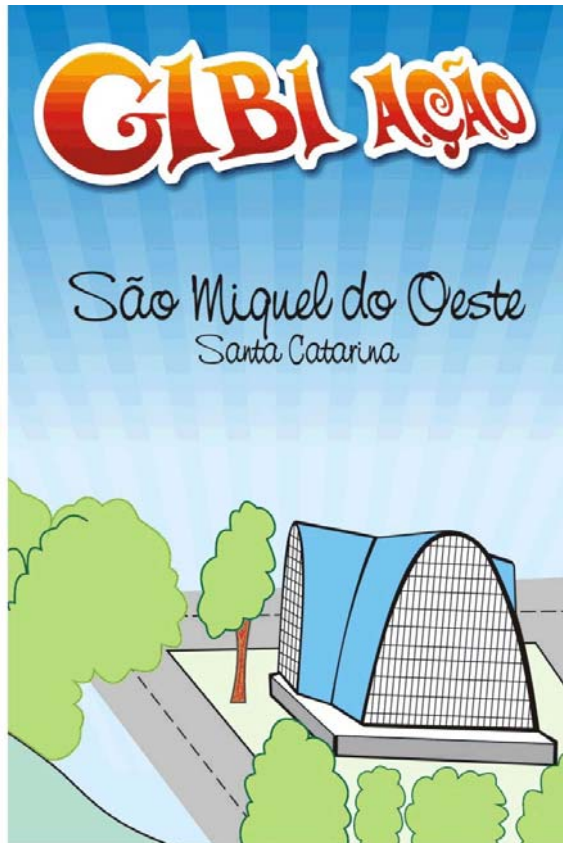
GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990;

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando Quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro*. Estados Unidos: M. Books, 2004;

MOSQUEIRA, Juan José Mouriño. *Psicodinâmica do aprender*. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 1984.



Modelo do Gibi



Fonte de pesquisa: BONA, Avelino De. Evolução histórica de São Miguel do Oeste/SC - Edição comemorativa do Cinquentenário da instalação do Município (1954 - 2004). São Miguel do Oeste: MsLee, 2004.

Realização: Alan Marcel Castaman; Douglas Carboni; Lucinei Kozerski
Desenhos iniciais: Crianças da Casa Lar de São Miguel do Oeste/SC
Roteiro inicial: Crianças da Casa Lar de São Miguel do Oeste/SC
Desenhos finais: Caciane Lippert; Neuri Jorge Reolon
Roteiro final: Alan Marcel Castaman; Douglas Carboni; Lucinei Kozerski
Diagramação e arte final: Alan Marcel Castaman
Revisão: Luciano Rodrigues da Silva
Professora responsável: Jornalista Leoni Serpa (DRT/RS 9597)
Componente Curricular de Comunicação Comunitária I
Impressão: Arcus Editora Gráfica
Tiragem: 3 mil exemplares

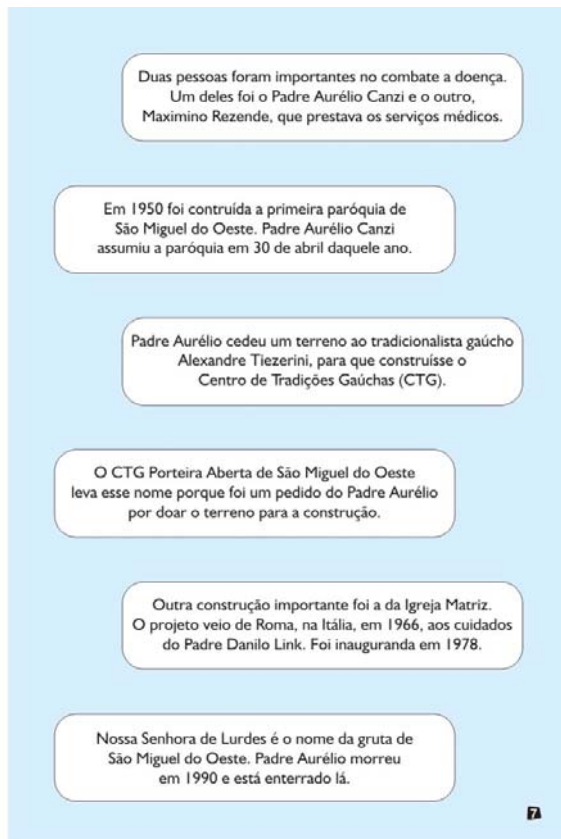
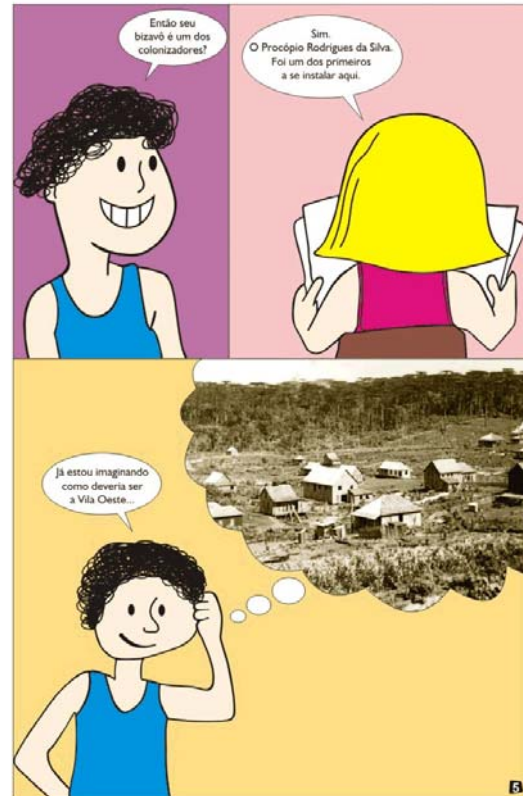
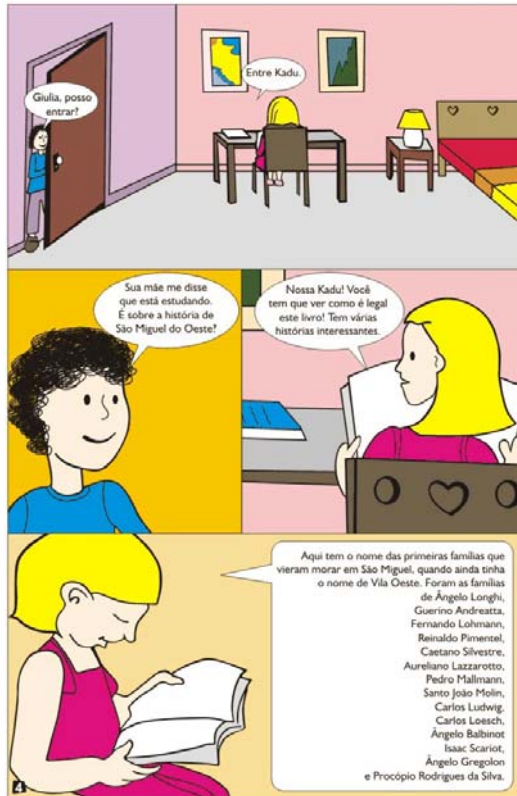


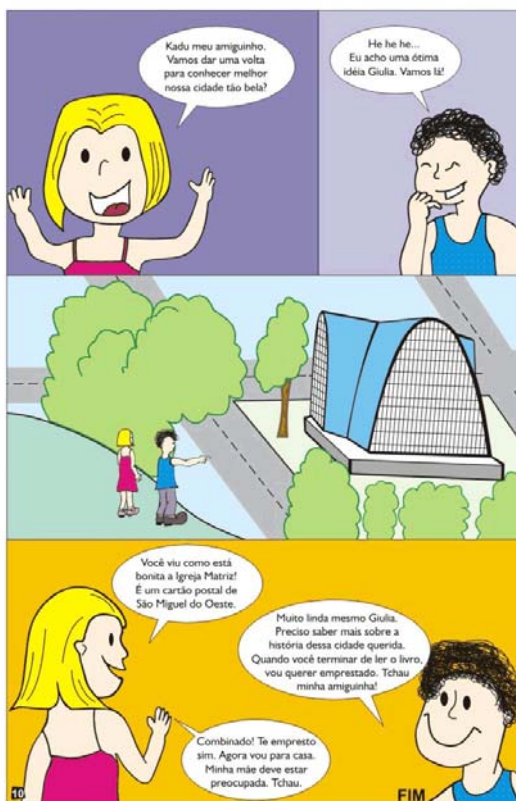
Publicação produzida e editada no Componente Curricular de Comunicação Comunitária I, pelos acadêmicos do 4º período de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoes), Campus de São Miguel do Oeste.

O projeto Gibi Ação consiste na introdução de um gibi em uma instituição que abriga crianças com problemas familiares ou desamparadas - Casa Lar de São Miguel do Oeste/SC. Esse produto midiático foi produzido pelos acadêmicos do 4º período de Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoes). Alan Marcel Castaman, Douglas Carboni e Lucinei Kozerski juntamente com as crianças da entidade. Com um cunho pedagógico, queremos levar, além de conscientização, atitude à estas pessoas.

Para se ter uma boa escrita, com consciência e consistência, é necessário percorrer longos caminhos. A produção de um bom texto inicia na pré-escrita, e a leitura, por meio de histórias em quadrinhos, complementa um processo de aprendizagem. Assim, a ideia de construir uma história coletiva parte do intuito em conscientizar crianças a ter atitudes corretas perante a sociedade. Contudo, outro mérito do projeto, é agregar conhecimento e incentivar a leitura as crianças da Casa Lar e demais entidades que usufruírem deste meio. Nisso tudo nós acreditamos.







Desenhos (crianças Casa Lar)

